

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COGEAE-COORDENADORIA GERAL DE ESPECIALIZAÇÃO, APERFEIÇOAMENTO E
EXTENSÃO
Programa de Estudos Pós-Graduandos em Língua Portuguesa

BARBARA MACHADO MARTINS

**O ENSINO DA ORALIDADE NO LIVRO DIDÁTICO: UM OLHAR SOBRE A OBRA
“PRESENTE LÍNGUA PORTUGUESA 5”**

SÃO PAULO
2016

BARBARA MACHADO MARTINS

**O ENSINO DA ORALIDADE NO LIVRO DIDÁTICO: UM OLHAR SOBRE A OBRA
“PRESENTE LÍNGUA PORTUGUESA 5”**

Monografia apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Prof. Dra. Ana Rosa Ferreira Dias, para a obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa.

Orientadora: Ana Rosa Ferreira Dias

PUC-SP

2016

AGRADECIMENTOS

À Universidade Pontifícia Católica de São Paulo e ao corpo docente por terem proporcionado um ambiente favorável à troca de experiências e ao aprendizado.

À Professora Dra. Ana Rosa Ferreira Dias, que dedicou seu tempo à orientação deste trabalho, sempre com muita paciência e dedicação.

A meus pais e a minha irmã que sempre me apoiaram e incentivaram.

Ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acesso a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania.

(BRASIL, 1997, p.67.)

RESUMO

Antes da década de 1990, no Brasil, somente a escrita tinha visibilidade no ensino da Língua Portuguesa. A fala e a escrita eram concebidas como modalidades dicotômicas, sendo que a última estava destinada à supremacia. À oralidade era destinado o lugar do comum, do cotidiano e, por isso, não precisava ser ensinada, já que era inata ao ser humano. A implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais¹, em 1998, e a concepção de letramento trouxeram uma nova visão sobre o ensino da oralidade. A partir de então, as editoras passaram a tentar se adequar a esse novo olhar, inserindo nos livros atividades que trabalhassem com essa modalidade. Diante da importância do ensino da oralidade, este trabalho se propõe a analisar, com base nos gêneros do discurso e na concepção de fala e escrita proposta por Marcuschi (2001), como os gêneros e as atividades orais são trabalhados no livro “Presente Língua Portuguesa 5” (2012), de Débora Vaz, Elody Nunes Moraes, Rosângela Veliago, observando se a obra está de acordo com a proposta dos PCN. Para tanto, a presente monografia trará discussões sobre alfabetização, oralidade e letramento, língua oral e escrita e sobre a inserção do livro didático no Brasil. Além disso, no desenvolvimento deste trabalho, será feita uma breve descrição dos gêneros e das atividades orais presentes na obra e, posteriormente, a análise do *corpus* e as considerações finais.

¹ Nas demais menções aos Parâmetros Curriculares Nacionais será adotada a sigla PCN.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	06
1.1 APRESENTAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	07
2 REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1 O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA: ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E ORALIDADE.....	11
2.2 LÍNGUAS ORAL E ESCRITA	13
2.3 O LIVRO DIDÁTICO NO BRASIL.....	16
3 DESENVOLVIMENTO	19
3.1 RECONTAR, DEBATER E RECITAR.....	19
3.2 ANÁLISE.....	22
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35
ANEXOS	37

1 INTRODUÇÃO

A partir da década de 1990, algumas mudanças na área da educação, no que concerne à alfabetização, ao surgimento de novas teorias, como a implementação dos PCN, em 1998, fizeram com que a oralidade deixasse de ocupar o lugar da informalidade e passasse a ser integrada ao ensino da Língua Portuguesa ao lado da escrita. A partir desse momento, foi destinado às práticas escolares garantir que os alunos do primeiro ciclo fossem capazes de

- utilizar a linguagem oral com eficácia, sabendo adequá-la a intenções e situações comunicativas que requeiram conversar num grupo, expressar sentimentos e opiniões, defender pontos de vista, relatar acontecimentos, expor sobre temas estudados;
- participar de diferentes situações de comunicação oral, acolhendo e considerando as opiniões alheias e respeitando os diferentes modos de falar [...] (BRASIL, 1997, p.68.)

Para que o ensino da oralidade garanta que os alunos realizem os vários usos da língua e participem de diferentes situações de comunicação oral, a escola deve estar instrumentalizada para a consciência de que ensinar língua oral é “desenvolver o domínio dos gêneros que apoiam a aprendizagem escolar de Língua Portuguesa e de outras áreas e, também, os gêneros da vida pública no sentido mais amplo do termo”. (BRASIL, 1997, p.67.)

Essas mudanças fizeram com que as editoras, assim como os autores e editores de livros didáticos, iniciassem um processo de “adequação” a essas novas diretrizes, tendo como base os PCN. Tendo em vista as dificuldades dos autores de livros didáticos e dos editores de se adequarem aos PCN, no que diz respeito ao ensino da oralidade, e a importância da língua oral na vida social e afetiva dos alunos, mostrou-se relevante estudar como os livros didáticos trabalham com essa modalidade.

Tendo em vista tal importância, este trabalho tem o objetivo contribuir com os estudos existentes sobre a oralidade e, também, ampliar o repertório sobre o tema. Além disso, como objetivo específico, visa analisar, com base na concepção de língua oral e escrita proposta por Marcuschi (2001) e nos gêneros do discurso, os gêneros e a atividade oral trabalhados no exemplar escolhido, verificando se este está de acordo com a proposta dos PCN.

Como este trabalho é uma monografia e, portanto, não será possível analisar uma amostra grande de exemplares de livros didáticos, foi escolhido para a análise

um livro didático do Ensino Fundamental I, “Presente Língua Portuguesa 5”, das autoras Vaz, Moraes e Veliago (2012). Esse livro faz parte de uma Coleção composta por 5 volumes, que contempla todos os anos do Ciclo I.

Além da definição dos objetivos e do *corpus*, foram selecionadas algumas obras para compor o referencial teórico do trabalho. Para definir e caracterizar alfabetização, letramento e oralidade foram utilizados os textos de Marcuschi (2001) e Soares (2004). Com a finalidade de discutir a relação entre oralidade e escrita foram abordadas as obras de Marcuschi (2001), Schneuwly e Dolz et al (2004).

O *corpus* deste trabalho é um livro didático e, para contextualizar o surgimento dessa modalidade de livros no Brasil, foram usados como base os textos de Bairro (2009) e Freitas & Rodrigues (2008). Para diferenciar os gêneros orais das atividades orais, assim como caracterizá-los, foram utilizados os textos de Aquino (2015), Beltrão e Gordilho (2007), Pereira (2013), Schneuwly e Dolz et al (2004) e Travaglia (2015).

Posteriormente à definição do referencial teórico, foram elencados todos os textos e atividades que trabalham com a oralidade no livro. Depois, foi feita a análise dessas atividades, tendo em vista o referencial teórico lido, com o objetivo de constatar se o livro respeita a proposta dos PCN. Por fim, foram tecidas as considerações finais.

1.1 APRESENTAÇÃO DO *CORPUS*

O critério de escolha adotado para a seleção do livro “Presente Língua Portuguesa 5” como *corpus* deste trabalho é a sua grande aceitação pelos colégios particulares da cidade de São Paulo. Lançado em 2012, o livro já está em sua 3ª. edição e entre as escolas que o adotam estão alguns dos colégios mais renomados da cidade: Instituto de Educação Beatíssima Virgem Maria (Brooklin), Colégio Miguel de Cervantes (Morumbi), Colégio Visconde de Porto Seguro (Morumbi), Colégio Franciscano Pio XII (Morumbi), Colégio Notre Dame (Sumaré), Escola Cidade Jardim / Play Pen (Cidade Jardim), Colégio Benjamin Constant (Vila Mariana), Colégio São Luís (Jardins), Builders Educação bilíngue (Pompeia), Colégio Elvira Brandão (Chácara Santo Antônio), entre outros.

“Presente Língua Portuguesa 5” foi escrito por Débora Vaz, Elody Nunes Moraes, Rosângela Veliago² e publicado pela Editora Moderna, no ano de 2012. O volume faz parte da coleção de 5 livros do “Projeto Presente Língua Portuguesa”, destinado ao Ensino Fundamental I. Desde o seu lançamento é facilmente encontrado em grandes livrarias pelo preço de R\$ 125,00 (cento e vinte cinco reais), valor sugerido pela Editora Moderna.

No que concerne à estrutura, o livro está organizado em quatro unidades. Todas trabalham, pelo menos, um gênero textual, a gramática, a produção textual e a linguagem oral. O quadro a seguir ilustra os gêneros escritos e orais trabalhados em cada unidade da obra.

² Débora Vaz – Licenciada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora em cursos para formação de professores e coordenadores pedagógicos. Diretora pedagógica no Ensino Fundamental em escola particular. Autora de publicações dirigidas à formação de professores.

Elody Nunes Moraes – Graduada em Pedagogia pela Universidade de São Paulo e em Comunicação Social pela FIAM. Possui experiência na teoria e na prática do ensino de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental da rede pública e particular. Atualmente exerce o cargo de professora de primeira a quarta série do Ensino Fundamental da rede particular.

Rosângela Veliago – Licenciada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora em cursos para formação de professores e coordenadores pedagógicos. Coordenadora pedagógica de Educação Infantil. Autora de publicações dirigidas à formação de professores.

Disponível em:

<<http://moderna.com.br/main.jsp?lumPagId=4028818B2E24D324012E3469E60A34AF&itemId=8A8A8A823B429731013B61EC52E44636>>. Acesso em: 14 set. 2015.

**Quadro 1 – Gêneros escritos e orais trabalhados em cada unidade do livro
“Presente Língua Portuguesa 5”**

Número da unidade	Gênero escrito trabalhado	Gênero oral trabalhado
1	Contos etiológicos africanos	Reconto
	Poemas	Declamação de poema
2	Notícias e Crônicas	Debate
3	Mitos gregos	Debate
	Artigos de opinião	Debate
4	Contos de Mistério	Reconto

Como é observado no quadro, em todas as unidades do livro é proposta, pelo menos, uma atividade sobre a oralidade³. Como o objetivo deste trabalho é analisar essas atividades, as apresentarei brevemente.

Na primeira unidade do livro é trabalhado o conto “As duas mulheres e o céu”, de Ilan Brenman, para propor uma atividade oral de reconto desse conto. Além disso, são apresentados vários poemas, como “Soneto”, de Camões, “Velhas árvores”, de Olavo Bilac, “Apartheid soneto”, de Avelino de Araújo e “Rio: o ir”, de Arnaldo Antunes, para sugerir a declamação de um dos poemas apresentados.

Na unidade 2 o livro expõe a notícia “Homem que achou R\$ 6 mil na rua encontra dono do dinheiro”, publicada no portal G1, para propor um debate em que será discutida a questão da devolução ou não do dinheiro que foi encontrado na rua.

Na unidade 3 são trabalhados alguns mitos gregos, entre eles “Prometeu e os primeiros homens”, para sugerir um debate em que será discutida a absolvição ou não de Prometeu. Ainda nessa unidade são apresentadas reportagens do *site* <planetasustentavel.abril.com.br> e da Folha de S.Paulo sobre o uso das sacolas plásticas para que seja introduzido um debate sobre o uso ou não de garrafas PET.

³ Em todas as unidades do livro há uma seção denominada “Atividade permanente – Linguagem oral”, que tem como objetivo “suscitar momentos de fala e de escrita nos alunos para que compreendam o funcionamento dos gêneros de textos orais nas diferentes esferas: discursiva, escolar, doméstica, jornalística, literária etc.” (2012, p.XXX)

Na quarta unidade são apresentados alguns contos de mistério, como “Dançando com o morto”, de Angela-Lago e “As lágrimas do Sombreira”, de Luis Alfredo Arango, com o intuito de introduzir o gênero e solicitar que os alunos contem um conto de mistério que lhes será relatado por seus familiares.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA: ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E ORALIDADE

Para entender o conceito de oralidade, assim como compreender em qual contexto educacional o ensino dessa modalidade foi priorizado, é necessário retomar, brevemente, um pouco da história do ensino de Língua Portuguesa no Brasil, assim como os conceitos de alfabetização e de letramento⁴.

Por volta da década de 1970, o ensino da leitura e da escrita no Brasil passou a ser centrado nas habilidades de codificação e de decodificação de textos escritos. Foram desenvolvidos vários métodos de alfabetização (sintéticos⁵ e analíticos⁶), que tinham como objetivo padronizar o ensino da leitura e da escrita.

Essa perspectiva mecanicista da alfabetização, que integrava o paradigma do estruturalismo⁷, logo passou a ser criticada, já que muitas crianças consideradas alfabetizadas concluíam seus estudos conseguindo apenas decodificar os códigos, mas não compreendendo os seus significados.

Diante de tal problemática, estudiosos de diversas áreas (Psicologia, História, Sociologia, Pedagogia, entre outras) buscavam redefinir o ensino da leitura e da escrita, rompendo com o modelo mecanicista vigente. Nos anos 80, o ensino da língua deixou de considerar apenas a estrutura e passou a abordar a função comunicativa e os usos da língua. A partir desse momento, começaram a ser pensadas e desenvolvidas atividades de leitura e escrita mais significativas. Nessa mesma época surgiu o conceito de “analfabeto funcional” – aquele que decodifica o código, mas não consegue decifrar o seu significado.

⁴ Como não é o objetivo contar a história da Língua Portuguesa, mas apenas situar a oralidade no ensino brasileiro, priorizou-se a retomada do Ensino da Língua Portuguesa a partir da década de 1970.

⁵ Nesse método há a correspondência entre o som e a grafia, entre o oral e o escrito, por meio do aprendizado de letra por letra, ou sílaba por sílaba e palavra por palavra.

⁶ Ao contrário do método sintético, o analítico parte de uma estrutura maior para a menor, ou seja, da frase são extraídas palavras e, depois, as sílabas.

⁷ Para os estruturalistas, a língua era considerada um sistema abstrato e social, enquanto a fala traria os usos desse sistema e seria algo individual dos falantes. Dentro dessa perspectiva, estudar o ensino da língua seria mais viável, já que a língua é sistemática, enquanto a fala, não.

No início da década de 1990, a alfabetização ganhou outro sentido no país com sua vinculação ao conceito de letramento. De acordo com Soares (2003, p.16) pode-se definir:

[alfabetização] como processo de aquisição e apropriação do sistema da escrita, alfabético e ortográfico; [...] [letramento] entendido este, no que se refere à etapa inicial da aprendizagem da escrita, como a participação em eventos variados de leitura e de escrita, e o consequente desenvolvimento de habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, e de atitudes positivas em relação a essas práticas [...]

No que diz respeito ao tema, Marcuschi afirma que a alfabetização “compreende o domínio ativo e sistemático das habilidades de ler e escrever” (2001, p.122). Ainda de acordo com o autor, não necessariamente a alfabetização tem que ser desenvolvida no âmbito escolar, ela pode ser realizada no âmbito familiar, como aconteceu na Suécia, no final do século XVIII.

O letramento, por sua vez, seria um “processo de aprendizagem social e histórica da leitura em contextos informais e para usos utilitários” (MARCUSCHI, p.122). Nesse sentido, entende-se que um indivíduo, mesmo que não tenha o domínio da língua escrita, mas que consegue, por exemplo, ler a placa de um ônibus, tem algum grau de letramento, já que ele usa seu conhecimento, mesmo que mínimo, da leitura em uma prática social.

Embora Soares e Marcuschi definam separadamente os conceitos de alfabetização e de letramento, é evidente a relação entre eles. Grosso modo pode-se pensar em uma alfabetização (apropriação da leitura e da escrita) inserida dentro de práticas sociais. Desse modo, o ensino da Língua Portuguesa ganhou um novo sentido na vida dos alunos, já que passou a ser associada às atividades cotidianas.

Essa nova forma de conceber a alfabetização passou a valorizar também o ensino da oralidade, que pode ser definida como “prática social que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais que vão desde o mais informal ao mais formal e nos mais variados contextos de uso” (MARCUSCHI, 2001, p.126). Essa valorização se deu por meio dos PCN (1997, p.15), que passou a salientar a importância não só do ensino da língua escrita, mas também da oral:

O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso

aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos.

Além dos PCN, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil também salientou que a aprendizagem oral é importante, pois permite ao aluno “comunicar ideias, pensamentos e intenções de diversas naturezas, influenciar o outro e estabelecer relações interpessoais [...] Quanto mais as crianças puderem falar em situações diferentes, mais poderão desenvolver suas capacidades comunicativas de maneira significativa”. (1998, p.120.)

Como consequência dessas novas concepções teóricas e metodológicas, notaram-se mudanças em diversas esferas. Enquanto o governo passou a elaborar novos documentos com orientações para o ensino da Língua Portuguesa, as escolas tiveram que aderir às novas concepções de ensino e aprendizagem propostas pelo Estado.

Além disso, as editoras, por questões óbvias, também passaram a mudar a abordagem do ensino de Língua Portuguesa em seus livros didáticos. Se por volta da década de 1970, produziam cartilhas que usavam os métodos da silabação, da palavração, entre outros, a partir dos anos 1990, adotaram a teoria dos gêneros textuais, proposta por Mikhail Bakhtin (2003). Essa teoria iria de encontro à nova noção de alfabetização aliada ao letramento, abarcando os gêneros discursivos (orais e escritos).

2.2 LÍNGUAS ORAL E ESCRITA

Como foi observado nos PCN publicados no final da década de 1990, o ensino das línguas oral e escrita é fundamental. O livro didático “Presente Língua Portuguesa 5”, que será analisado, trabalha oralidade, muitas vezes, partindo de textos escritos. Isso sugere a existência de uma relação intrínseca entre a oralidade e a escrita.

Marcuschi em seu texto “Oralidade e escrita” (2001) discute a relação entre oralidade e escrita, retomando o histórico dessas duas práticas discursivas na civilização. Embora, cronologicamente, a língua oral tenha primazia em relação à língua escrita, isso não lhe garantiu maior prestígio ou importância. Como se trata de uma prática social inerente ao indivíduo, antes da década de 1990, não se pensava

no ensino da oralidade como uma necessidade. A oralidade era vista como algo natural, de conhecimento de todos.

Por outro lado, a escrita, com o passar do tempo, foi se tornando cada vez mais um bem social indispensável à civilização. Desde antes de Cristo, ela tornou-se importante para os povos antigos, já que estes a utilizavam para se expressar e, nos dias de hoje, em quase todas as práticas sociais ela é utilizada (para pegar um ônibus, preencher um formulário, ler placas de trânsito, redigir *e-mails*, e até para estudar a oralidade).

O grande uso da escrita nas práticas sociais tornou-a essencial e indispensável, e, como ninguém nasce com o domínio dessa prática, coube à escola o ensino desse saber. As instituições de ensino e os materiais didáticos passaram então a priorizar o ensino da Língua Portuguesa em sua forma escrita. Por manter essa relação intrínseca com a escola, a escrita acabou assumindo um lugar de prestígio e de conhecimento em nossa sociedade, enquanto à língua oral foi destinado o lugar da informalidade.

Contrariando o pensamento de que existe uma supremacia da escrita em relação à oralidade, Marcuschi (2001) defende a ideia que “a oralidade e a escrita não são responsáveis por domínios estanques e dicotômicos [...] há práticas sociais mediadas preferencialmente pela escrita e outras pela tradição oral.” (p.36-37.)

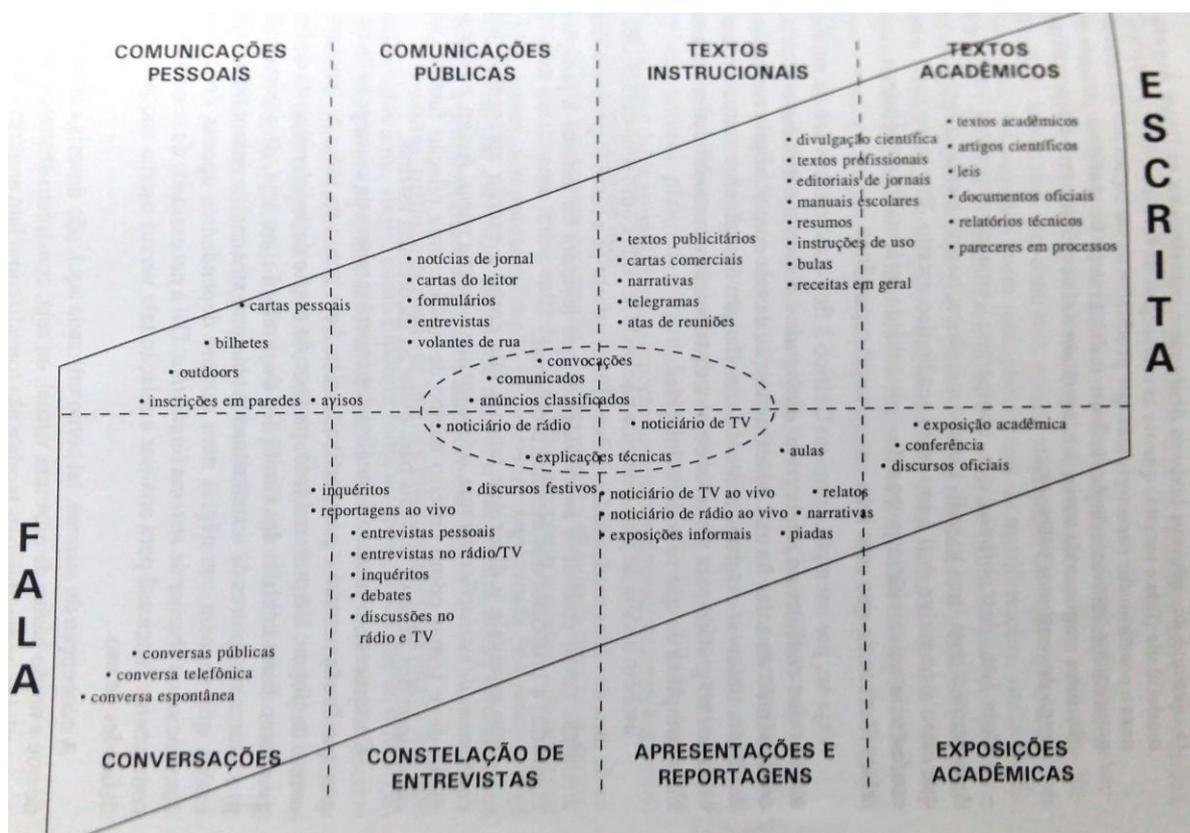
Schneuwly e Dolz et al (2004), em seu texto “Palavra e ficcionalização: um caminho para o ensino da linguagem oral”, acreditam na existência de uma relação entre a escrita e a oralidade, reiterando as ideias presentes na fala de Marcuschi:

Não existe ‘o oral’, mas ‘os orais’ sob múltiplas formas, que, por outro lado, entram em relação com os escritos, de maneiras muito diversas: podem se aproximar da escrita e mesmo dela depender – como é o caso da exposição oral ou, ainda mais, do teatro e da leitura para os outros –, como também podem estar mais distanciados. Não existe uma essência mítica do oral que permitiria fundar sua didática, mas práticas de linguagem muito diferenciadas, que se dão, prioritariamente, pelo uso da palavra (falada), mas também por meio da escrita [...]. (p.135.)

Ainda de acordo com Marcuschi, as diferenças entre fala e escrita estão dentro do “*continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual” (2001, p.37). Esse contínuo relaciona os textos de cada modalidade de acordo com as estratégias de formulação textual. Essas estratégias, por sua vez, são responsáveis por determinar o contínuo das características que diferenciam e aproximam os vários tipos de estrutura, de seleções lexicais, entre outras. Pensando nisso, e com base

no ponto de vista sociointeracional, Marcuschi elaborou um quadro inserindo os diversos gêneros textuais dentro do mencionado contínuo:

Quadro 2 – Distribuição dos gêneros textuais no contínuo, Marcuschi (2001, p.41).



Ao observar o quadro, percebe-se que há gêneros orais que se aproximam dos gêneros escritos e gêneros escritos que se aproximam dos orais. Bilhetes e cartas, por exemplo, embora sejam gêneros escritos, se apresentam no *continuum* mais próximos dos gêneros orais. Isso se deve a um menor nível de planejamento e a uma seleção de vocábulos mais simples, próprios dessas situações de comunicação. Por outro lado, as exposições acadêmicas apresentam características próprias dos gêneros escritos, como um nível de planejamento maior, um léxico específico, entre outras características.

Portanto, o *corpus* deste trabalho, ou seja, as atividades e os gêneros orais extraídos do livro “Presente Língua Portuguesa 5”, será analisado com base nas ideias aqui expostas, em que a oralidade e a escrita não serão entendidas como

dicotomias, mas sim como duas modalidades que se relacionam dentro de um contínuo das práticas discursivas.

2.3 O LIVRO DIDÁTICO NO BRASIL

De acordo com Freitas & Rodrigues, antes do surgimento da imprensa, na Europa, “os livros eram raros, os próprios estudantes universitários europeus produziam seus cadernos de textos” (2008, p.2). Bairro (2009) afirma que a invenção da imprensa⁸, por Johannes Gutenberg, no século XV, garantiu grandes transformações na Europa. Iniciou-se um processo em que a escrita deixou de ser monopolizada e os materiais escritos passaram a ser divulgados com maior facilidade. Entre esses materiais, pode-se citar o livro didático, que começou a ser produzido em série.

Diferentemente do que ocorreu no continente europeu, o surgimento da imprensa não significou grandes mudanças para o Brasil, isso porque a maioria da população (índios e portugueses extraditados) não era alfabetizada e a Coroa portuguesa não permitia a publicação de livros na Colônia. Somente com a chegada da Corte ao Brasil, em 1806, a imprensa passou a ser valorizada, pois se tornou um importante instrumento de divulgação e de manipulação de ideias da Coroa.⁹

O primeiro livro didático utilizado no Brasil foi a “Cartilha Maternal”, elaborada pelo poeta e pedagogo português João de Deus e publicada em 1876. O livro era importado de Portugal e adotado na Escola Normal de São Paulo (1883).

No Brasil foram escritos o “Manual Explicativo do Método de Leitura” (1859), do brasileiro Francisco Alvez da Silva Castilho, “Cartilha Nacional” (1880), de Hilário Ribeiro, “Cartilha da Infância” (1980), de Thomaz Galhardo, “Primeiro Livro de

⁸ Sobre a invenção da imprensa há controvérsias, o jornalista francês Olivier Tossier, em seu artigo “Gutemberg não inventou a imprensa”, publicado na revista História Viva, periódico *on-line* do portal UOL, afirma que Gutemberg foi responsável apenas por reinventar a imprensa, pois a técnica de imprimir já havia sido descoberta e utilizada pelos chineses.

⁹ É importante ressaltar que, mesmo com a vinda da Coroa portuguesa para o Brasil e com a valorização da imprensa nacional, os livros não eram acessíveis para a maioria da população. Em geral, eles eram importados da França por um preço bastante alto. Além disso, a maioria da população era analfabeta.

Leitura” (1892), de Felisberto de Carvalho, “Cartilha Analítica” (1907), de Arnaldo Barreto, “Cartilha do Povo” (1928), de Lourenço Filho¹⁰.

Na década de 1930, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova foi elaborado pelos liberais com o apoio da Escola Nova. Esse manifesto defendia a implantação de uma escola laica, gratuita e obrigatória. A partir de então, foram iniciadas discussões entre os que apoiavam o ensino tradicional, pautado na aristocracia rural e na igreja, e os defensores da Escola Nova, que pensavam em uma educação popular.

No ano de 1937, o Estado Novo criou o Instituto Nacional do Livro (INL). Coube a esse órgão criar políticas públicas para o livro didático, legitimando-o e ajudando no aumento de sua produção. No entanto, foi apenas em 1934, no governo de Getúlio Vargas, que o órgão ganhou algumas atribuições, como editar livros, elaborar uma enciclopédia, criar um dicionário nacional e expandir as bibliotecas.

Em 1945, o Decreto-Lei n. 1.006 instituiu a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD) e a ela ficou destinada a função de estabelecer a primeira política de legislação para cuidar da produção do livro didático, de sua circulação e de seu controle. No entanto, a legitimidade dessa comissão passou a ser questionada e o art. 5º do Decreto-Lei n. 8.460, de 26/12/1945, acabou concedendo ao professor a escolha das obras a serem trabalhadas com os alunos.

Em 1966, foi criada a Comissão do Livro Técnico e Livro Didático (COLTED), fruto de um acordo entre o Ministério da Educação (MEC) e a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID). Entre as funções destinadas a COLTED estava a distribuição gratuita de cerca de 50 milhões de livros, ao longo de três anos.

Em 1971, a Fundação Nacional de Material Escolar (FENAME) passou a desenvolver o Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental (PLIDEF). Nesse período, o governo passou a comprar os livros com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e com a ajuda dos Estados. No entanto, a verba não foi suficiente para atender a todas as escolas e muitas ficaram sem receber os livros.

¹⁰ As primeiras cartilhas nacionais priorizavam a alfabetização com base no método sintético, posteriormente, passaram ao método analítico.

No início da década de 1980, foi criada a Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), que não vingou. Foi então que, em 1998, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) substituiu o PLIDEF, por meio do decreto n. 91.542, de 19/8/1985. Para Freitas & Rodrigues (2008), o PNLD trouxe mudanças significativas em relação aos livros didáticos, entre elas a oferta de livros para até o Ensino Fundamental das escolas públicas; as diretrizes para a elaboração dos livros didáticos e a avaliação destes; a compra do livro com a renda federal.

A partir desse momento, as editoras tiveram que se adequar às diretrizes do PNLD para que pudessem ter seus livros aprovados e vendidos para o governo.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 RECONTAR, DEBATER E RECITAR

Com foi observado na apresentação do *corpus*, o livro “Presente Língua Portuguesa 5” trabalha a oralidade por meio do reconto de histórias, do debate e da declamação de poemas. Com o objetivo esclarecer se esses recursos podem ser definidos como gêneros orais e caracterizá-los, será feita uma distinção entre gêneros e atividades, com base nas ideias propostas por Travaglia (2013, p.3), em seu texto “Gêneros orais – conceituação e caracterização”:

Os **gêneros** são instrumentos cuja apropriação leva os sujeitos a desenvolverem capacidades e competências individuais correspondentes aos gêneros. Tais capacidades e competências são capacidades e competências linguísticas e discursivas de construção e de escolha do gênero apropriado para a ação em dada situação social localizada. Já as **atividades** são ações mediadas por objetivos específicos, socialmente elaboradas por gerações precedentes e disponíveis para serem realizadas, usando determinados instrumentos para este fim construídos.

A diferenciação explicitada por Travaglia mostra a dificuldade de classificar em gêneros ou atividades determinados elementos. Enquanto os gêneros são instrumentos que possibilitam aos indivíduos desenvolverem capacidades e competências em situações sociais específicas, as atividades são ações que apresentam objetivos.

Mais complexo ainda que diferenciar gênero e atividade, seria definir o que pertence ou não aos gêneros orais. Para tentar sanar esse problema, Travaglia (2013) define o gênero oral como aquele que tem como suporte a voz humana e é produzido para a realização oral. Sendo assim, uma peça de teatro, por exemplo, embora seja escrita, pode ser classificada como pertencente ao gênero oral, já que ela foi concebida para ser realizada oralmente.

O autor ainda classifica reconto e debate como gêneros orais, sendo o primeiro pertencente à esfera literária e o segundo, à escolar. Em contrapartida, considera o recital de poesias como uma atividade, já que, de acordo com ele, o recital não contempla os critérios necessários para que possa ser considerado um gênero oral.

Partindo, portanto, das ideias propostas por Travaglia, neste trabalho o reconto e o debate serão entendidos como gêneros orais e a declamação de poesias como atividade oral.

Sobre o gênero oral reconto, Pereira (2013, p.11) afirma que recontar é:

[...] contar novamente como indica o prefixo reduplicativo. É um processo amplo e remoto, porém muito utilizado hoje nos meios educacionais, principalmente nas séries iniciais e no Ensino Fundamental como atividade ulterior à leitura de narrativas. Ao recontar, reconstruímos situações, respeitamos o essencial, incluindo ou excluindo detalhes que contribuam para enriquecer a apresentação do texto. Pode constituir tanto uma atividade oral quanto uma elaboração escrita a qual resulta no texto para ser lido. [...]

Conforme afirma Pereira, recontar é contar novamente uma história. Para tanto, é necessário que aquele que reconta a reconstrua, selecionando aquilo que é essencial e organizando os acontecimentos no tempo. Como neste trabalho o reconto é entendido como um gênero oral, é necessário ainda pensar na importância dos recursos paralinguísticos. O volume da fala, a sua velocidade, o seu ritmo, o tom da voz, entre outros recursos, influenciam na recepção da mensagem por parte dos ouvintes.

Sobre o gênero oral debate, Aquino (2005, p.144) afirma que debater é “apresentar uma posição em torno de algum tema, podendo englobar uma negociação em maior ou menor escala, tentando-se acordo com o(s) interlocutor (es), criando-se e/ou administrando-se conflitos”. Para a autora, o debate tem a função importante de ampliar os conhecimentos de um determinado grupo, pois procura resolver e trazer problemas para a discussão. Outra característica relevante do gênero é a seleção de um tópico que merece destaque na ocasião em que ocorre o debate.

Schneuwly e Dolz et al (2004) ressaltam que o debate pertence ao gênero oral e como tal “inclui um conjunto de capacidades nesse modo de comunicação: gestão da palavra entre os participantes, escuta do outro, retomada de seu discurso em suas próprias intervenções etc.” Além disso, para os autores, o gênero trabalha com as capacidades linguística, cognitiva, social e individual. Ou seja, é necessário que o indivíduo seja capaz de tomar a palavra de forma apropriada, que tenha capacidade crítica, saiba escutar e respeitar a opinião do outro, além de se posicionar em relação ao tema abordado.

A atividade oral declamação de poemas, assim como os gêneros mencionados, também apresenta características próprias. Para Beltrão e Gordilho (2007 apud. SOUSA, 2011, p.14),

é quase uma melodia – tem ritmo, que resulta da cadência harmoniosa entre sílabas acentuadas e átonas. É dar intensidade vocal e entonação, equilibrando a fala para garantir a espontaneidade do discurso. É revelar ao público os sentimentos inerentes ao poema, utilizando, inclusive, expressão corporal.

Por meio da caracterização proposta por Beltrão e Gordilho, percebe-se que há uma diferença notável entre ler um poema e declamá-lo. A atividade de declamação exige do indivíduo a interpretação do texto para transmitir toda a emoção presente nele, diferentemente de sua simples leitura. Desse modo, uma boa *performance* e o uso adequado de recursos paralinguísticos são essenciais para a realização dessa atividade com sucesso.

Conforme foi observado, os gêneros orais reconto e debate, assim como a atividade oral declamação de poemas, apresentam características específicas e outras comuns ligadas à oralidade. Embora algumas dessas características próprias da oralidade tenham sido citadas, como os recursos paralinguísticos e a *performance*, é importante que sejam considerados outros meios linguísticos próprios da comunicação oral que não foram mencionados. Schneuwly; Dolz et al (2011, p.134), propõem um quadro em que organizam esses meios:

**Quadro 3 – Meios linguísticos próprios da comunicação oral,
Schneuwly; Dolz et al (2011, p.134).**

MEIOS PARALINGUÍSTICOS	MEIOS CINÉSICOS	POSIÇÃO DOS LOCUTORES	ASPECTO EXTERIOR	DISPOSIÇÃO DOS LUGARES
qualidade da voz melodia elocução e pausas respiração risos suspiros	atitudes corporais movimentos gestos trocas de olhares mímicas faciais	ocupação de lugares espaço pessoal distâncias contato físico	roupas disfarces penteados óculos limpeza	lugares disposição iluminação disposição das cadeiras ordem ventilação decoração

No quadro percebe-se que não apenas os meios paralinguísticos e cinésicos são característicos dos gêneros e atividades orais, mas também a posição dos locutores, o aspecto exterior e a disposição dos lugares dos participantes. Portanto, é importante transcender a caracterização aqui feita sobre os gêneros e a atividade oral abordados, pensando também no papel desses meios linguísticos próprios da comunicação oral.

3. 2 ANÁLISE

Unidade 1

A primeira unidade do livro aborda o gênero oral reconto e a atividade oral declamação de poemas. Para trabalhar com o reconto, o livro usa como base o conto etiológico “As duas mulheres e o céu”, de Ilan Brenman (Anexo A). O texto traz a história de duas mulheres africanas que estavam conversando distraidamente e amassando com seus pilões os grãos de trigo, quando acabaram furando o céu com os pilões e originando as estrelas.

Depois de uma série de exercícios que trabalham o conto, a seção “Atividade permanente: linguagem oral” propõe no enunciado a realização do reconto e traz cinco orientações:

Atividade permanente → linguagem oral



Releiam o conto etiológico *As duas mulheres e o céu*. Em pequenos grupos, preparem um reconto oral dessa história de acordo com as orientações a seguir.

- Leiam o conto até que seja possível recontá-lo com capricho. Não é necessário decorá-lo.
- Dividam o conto e distribuam uma parte para cada membro do grupo.
- Ensaíem até que o reconto esteja organizado de modo que seja bom ouvi-lo.
- Definam para quem a história será contada.
- Convidem o público e apresentem o reconto.

No enunciado é solicitado aos alunos que leiam o conto “As duas mulheres e o céu”, em grupos, para que preparem um reconto oral. O livro parte, portanto, da

língua escrita para trabalhar com a oralidade por meio de um processo de retextualização do texto escrito. Para auxiliar os alunos na passagem da língua escrita para a oral, são elencadas cinco orientações.

A primeira instrução solicita aos alunos a leitura do conto para que seja possível contá-lo “com capricho”, mas sem a necessidade de decorá-lo. Nessa etapa é realizado um trabalho de memorização e de síntese da narrativa, em que serão selecionados os fatos mais importantes do conto para que a unidade da narrativa seja preservada no reconto oral.

Em seguida, o livro propõe que seja feita a divisão do conto entre os membros de cada grupo. A partir desse momento, embora a atividade ainda esteja centrada na língua escrita, é iniciado o trabalho com a situação comunicativa reconto, isso porque os locutores devem se organizar pensando em quem vai recontar cada parte da história.

A terceira orientação pede aos alunos que organizem o texto de modo que seja bom ouvi-lo. Nessa fase fica implícito o uso de recursos paralinguísticos, como o ajuste do tom de voz e a realização das pausas necessárias, para que o reconto seja bem aceito pelos ouvintes. Isso evidencia a preocupação com os meios linguísticos próprios da comunicação oral.

Por fim, é solicitado aos alunos que pensem em quem serão os seus interlocutores e que os convidem para a apresentação do reconto. Desse modo, o livro evidencia a importância do papel dos interlocutores em uma situação comunicativa, assim como a necessidade do locutor de adequar-se a eles. Para tanto, os alunos devem pensar em quais recursos linguísticos e não linguísticos serão necessários para conseguir a atenção de seu público.

De modo geral, mesmo que a realização do reconto oral parta de um texto escrito, nota-se a preocupação das autoras com o que é proposto pelos PCN, no que diz respeito ao trabalho com a oralidade. Isso porque o livro consegue inserir os alunos em uma situação comunicativa específica oral, que é a do reconto, não considerando apenas as características escritas do gênero, mas também as características próprias dos gêneros orais.

Portanto, na proposta de realização do gênero oral reconto percebe-se a relação entre oralidade e escrita. Embora o reconto pertença ao gênero oral, ele exige um maior nível de planejamento, a seleção de um vocabulário específico, a

organização do texto oral em uma narrativa linear e a preparação para uma apresentação formal diante dos colegas de classe.

Para trabalhar com os poemas são usados como base um soneto, de Luís de Camões (Anexo B), “Apartheid”, de Avelino de Araújo (Anexo C), “Velhas árvores”, de Olavo Bilac (Anexo D), o e “Rio: o *ir*”, de Arnaldo Antunes (Anexo E), entre outros.

Assim como no exercício oral do reconto, o enunciado dessa atividade deixa claro o que deverá ser realizado, ou seja, a “declamação do poema”:

Atividade permanente → **linguagem oral**

Nesta unidade, você aprendeu vários poemas. Escolha um deles e se prepare para declamá-lo para a classe. Para isso, é preciso que você:

- decore o poema;
- apresente-o a um colega que possa ajudá-lo, apontando como melhorar a declamação.

Atenção

Não se esqueça de dizer o nome do poema e do autor no momento da apresentação.

Além de definir a atividade oral a ser desenvolvida, o enunciado solicita a seleção de um poema escrito, dentro da coletânea apresentada no livro, para a realização da atividade. Em seguida, são apresentadas duas orientações e um quadro com instruções adicionais.

A primeira orientação centra-se na memorização do poema. No entanto, diferentemente do trabalho realizado com o reconto, é solicitado ao aluno que decore o texto escolhido. Ainda que essa orientação pareça priorizar a língua escrita em detrimento da língua oral, ela é importante para que o aluno consiga realizar a atividade com confiança.

O livro também instrui o estudante a declamar o poema escolhido para um amigo, trabalhando a posição dos locutores, de modo que ele possa ajudá-lo a melhorar sua declamação. No entanto, não há nenhuma orientação explícita ou implícita que determine o que é necessário para “melhorar” a declamação do aluno, se é o seu tom de voz ou a sua gesticulação, por exemplo.

Além das instruções, o quadro “Atenção!” orienta os alunos a apresentarem algumas informações básicas, como o nome do poema e do seu autor, no momento

da declamação. Essas orientações são importantes, pois trabalham com a questão da autoria.

Em suma, a atividade oral declamação de poema proposta no livro, diferentemente do reconto oral, não garante, somente com as instruções que apresenta, que o trabalho com a oralidade seja realizado por completo. A ausência de instruções mais específicas também não permite traçar uma relação clara entre as modalidades oral e escrita.

O modo como a atividade oral será conduzida definirá se será possível estabelecer uma relação entre as modalidades escrita e oral. Caso os alunos se detenham somente à memorização do texto e não usem os meios de comunicação oral (paralinguísticos e cinésicos), a atividade consistirá apenas na oralização do texto escrito e no trabalho com a posição dos locutores.

Unidade 2

A segunda unidade do livro aborda o gênero oral debate. Para tanto, o livro lança mão de uma notícia publicada no portal G1, que recupera a história de um comerciante de São Paulo, Vagner Teles de Souza, que encontrou na rua a quantia de 6 mil reais e a devolveu para seu dono, Hélio Jorge Pires. Observe:

Atividade permanente → **linguagem oral**

Leia a notícia a seguir para discuti-la com seus colegas de classe.

Homem que achou R\$ 6 mil na rua encontra dono do dinheiro

Valor havia acabado de ser sacado por aposentado, em Barretos. Dinheiro foi encontrado por homem que devolveu ao banco.

Do G1-SP, com informações da EPTV

O comerciante Vagner Teles de Souza e o aposentado Hélio Jorge Pires protagonizaram um encontro emocionante, em Barretos (SP), na tarde desta quinta-feira (19). Pires recuperou R\$ 6 mil que havia perdido graças a Souza, mas os dois ainda não se conheciam.

O aposentado, que recebe um salário mínimo por mês, sacou R\$ 6 mil do banco na semana passada, dinheiro que recebeu de uma herança. Na saída da agência, o dinheiro caiu na rua, mas ele só percebeu depois. "Virando a esquina dei falta do dinheiro, foi engraçado porque tirei até a roupa", disse.

O pacote foi encontrado em seguida pelo comerciante, que devolveu ao banco. Havia uma etiqueta da instituição. A gerente e o caixa da agência conseguiram identificar o dono e lhe entregaram o dinheiro. "Todo mundo começou a chorar no meio da rua", contou Pires, emocionado.

Souza disse que se sentiu recompensado por conhecer Pires. "É o dono do dinheiro. Tendo condições ou não, ele é o dono de direito", disse.

Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2010/08/homem-que-achou-r-6-mil-na-rua-encontra-dono-do-dinheiro.html>. Acesso em: jun. 2012.

V Vamos organizar um debate. Metade da classe vai defender a devolução do dinheiro e a outra metade vai defender a ideia de que quem encontrou pode ficar com ele. Este é um debate simulado.

Preparem-se para o debate. Sigam as instruções.

- Leiam novamente a notícia e listem argumentos a favor da devolução ou contra ela, dependendo do grupo ao qual pertencem.
- Discutam com o grupo outros argumentos que podem ser usados.
- Definam as regras do debate.
- É importante que todos participem!

Com base na leitura do texto e na discussão, o livro propõe a realização do gênero oral debate. Estabelece no enunciado do exercício o tópico a ser discutido “a devolução do dinheiro encontrado”. Em seguida, propõe a divisão da classe em dois grupos, um favorável a devolução do dinheiro e outro, contrário. Nesse momento, é desenvolvida a questão da posição dos locutores dentro do espaço da sala de aula. A divisão da sala em dois grupos e a ocupação de cada grupo em um determinado espaço evidenciam posicionamentos contrários, o que é próprio do gênero debate.

A primeira e a segunda orientações dizem respeito à seleção de argumentos. Os alunos deverão ler novamente a notícia e listar argumentos contrários ou favoráveis à devolução do dinheiro. Essa etapa permitirá aos estudantes expressar suas opiniões, defender suas ideias e respeitar a opinião dos outros colegas de grupo.

As duas instruções finais referem-se às regras do debate e à participação dos alunos na situação comunicativa em questão. Aos estudantes caberá também a tarefa de definir as regras do debate, sendo assim, novamente terão que expressar suas opiniões e negociar com os colegas para chegarem a um consenso. A última orientação enfatiza a questão da gestão da palavra, pois destaca que todos terão que participar do debate, ou seja, todos deverão tomar a palavra em algum momento da atividade.

Com base na análise feita, percebe-se que o debate proposto no livro obedece as recomendações dos PCN. Ele insere os alunos em uma determinada situação de comunicação oral, a do debate, trabalhando as características próprias do gênero: o desenvolvimento de um tópico; a seleção de argumentos; a exposição e a defesa desses argumentos; o respeito à opinião e ao turno dos outros colegas. Tais características evidenciam um nível razoável de planejamento.

No entanto, isso não significa que o gênero se aproxime mais da modalidade escrita. Embora o trabalho com o debate parta de um texto escrito e os argumentos sejam preparados com antecedência, ele é desenvolvido oralmente, fazendo com que os participantes tenham que lidar com situações imprevistas, próprias da comunicação oral, como a contra-argumentação do interlocutor, por exemplo. Além disso, o uso de meios linguísticos próprios da comunicação oral, como a posição dos locutores, aproxima o gênero da modalidade oral.

Unidade 3

A terceira unidade também trabalha o gênero debate com base em um texto literário e em textos jornalísticos. O texto literário é um mito grego, o de Prometeu (Anexo F), já os textos jornalísticos são reportagens e artigos de opinião sobre o uso das sacolas plásticas (Anexos G, H e I).

Primeiramente, na unidade, é trabalhado o mito de Prometeu, que conta a história de como ele roubou o fogo do Olimpo, enganando aos deuses, e acabou sendo punido por Zeus. Observe o exercício:

Atividade permanente linguagem oral

Nem sempre é simples decidir a respeito do que é moralmente bom ou certo. Chamamos isso de dilema moral.

Prometeu, desejando favorecer a humanidade, roubou o fogo do Olimpo, enganando os poderosos deuses olímpicos.

Zeus puniu Prometeu com um castigo terrível: prendeu-o com fortíssimas correntes junto ao alto do monte Cáucaso para que, diariamente, fosse bicado por uma águia, que lhe destruiria o fígado. Como Prometeu era imortal, o ciclo se reiniciava a cada dia. Terrível, não?

Roubar o que não nos pertence não é certo. Mas e nesse caso? Justifica-se?

Se Prometeu fosse julgado novamente, qual seria seu veredito? Culpado ou inocente? Que argumentos você apresentaria para absolvê-lo ou condená-lo?

Atenção !

- ▶ Digam com clareza o que pensam.
- ▶ Esperem a vez de falar.
- ▶ Ouçam atentamente a argumentação do outro.
- ▶ Usem argumentos que não sejam contraditórios.
- ▶ Não fujam do assunto.

No enunciado da atividade, o livro propõe uma reflexão a respeito do que é moralmente bom ou certo, tendo em vista o mito de Prometeu. Para tanto, recupera um pouco da história do mito e, então, traz o tópico do debate: “Prometeu é culpado ou inocente?”. Diferentemente do debate trabalhado anteriormente, neste não são dadas instruções concernentes à organização da sala, se será dividida em grupos, um de defesa e outro contra. Só é solicitado aos alunos que se posicionem sobre o tópico e pensem em argumentos favoráveis e contrários à atitude de Prometeu. Nesse sentido, percebe-se um avanço no trabalho com o gênero debate, isso porque a ação de pensar em argumentos favoráveis e contrários conduz os alunos a antecipar o discurso de seus colegas, facilitando a contra-argumentação.

Após a introdução do tópico do debate, no quadro “Atenção!” são dadas cinco instruções. A primeira diz respeito à clareza da fala dos alunos, que sugere,

implicitamente, o uso dos meios paralinguísticos. Portanto, os alunos terão que trabalhar com a qualidade da voz, a elocução, as pausas e até com a respiração. Além disso, para dizerem o que pensam com clareza, será necessário que suas ideias sobre o assunto estejam bem claras.

Assim como no debate da unidade 2, neste também é destacada a questão da gestão da palavra, enfatizando o respeito ao turno do outro – “Esperem a vez de falar”. Além disso, é solicitado aos alunos que ouçam atentamente a fala do outro; essa instrução, além de reiterar a anterior, é importante para que os alunos consigam contra-argumentar a fala de seus colegas.

Sobre a questão dos argumentos, o livro apresenta a proposta de os estudantes não usarem argumentos contraditórios. Para tanto, são instruídos a prestar atenção no que os colegas dizem, conforme recomenda a orientação anterior, e a pensar em argumentos que sejam coerentes com a posição defendida por eles. Em seguida, é ressaltada a questão da manutenção do tópico discutido, ou seja, é enfatizada a importância de não se desviar do tema proposto.

Na segunda atividade da unidade 3 sobre o gênero debate, os alunos são convidados a recordarem-se dos textos sobre o uso de sacolas plásticas trabalhados na unidade para pensarem a utilização das garrafas PET.

Assim como o debate proposto na unidade 2, este adota as recomendações dos PCN, no que concerne ao trabalho com a oralidade. Os alunos novamente são colocados diante de uma determinada situação de comunicação oral para trabalharem as características próprias do gênero em questão: desenvolvimento e manutenção de um tópico; seleção de argumentos; exposição e defesa desses argumentos; respeito à opinião e ao turno dos outros colegas.

A relação entre língua oral e língua escrita novamente é estabelecida, além de trabalhar com elementos da estrutura argumentativa, próprios da modalidade escrita (desenvolvimento de tópico, elaboração e seleção de argumentos, entre outros), são considerados os meios de comunicação oral, como a posição dos locutores. No entanto, o trabalho com o gênero é aprofundado, observe:

Atividade permanente **linguagem oral**

São muitas as questões envolvendo a preservação do meio ambiente e uma vida com escolhas mais sustentáveis. Depois de ler alguns textos sobre as sacolinhas plásticas, você já deve ter uma opinião a respeito do assunto, não é verdade? Mas você sabia que as garrafas de refrigerante, mais conhecidas como garrafas PET, também estão no centro das discussões sobre meio ambiente? Por isso vamos organizar um debate.

O professor vai separar a classe em dois grupos: um defenderá o uso das garrafas plásticas e o outro será contra. Ainda que sua opinião seja diferente, você terá de defender a posição que seu grupo representar.

Cada grupo deve se reunir e pesquisar um pouco mais sobre o assunto. Depois, escolham um colega para começar o debate, do qual todos podem participar. O mediador será o professor.

Atenção

Para debater é preciso ouvir a posição de quem está falando e buscar argumentos que ajudem a fortalecer a posição do seu grupo.

- Registre abaixo argumentos que ajudem a defender a opinião que seu grupo representará.

Resposta pessoal.

Como observado, o tópico do debate é o uso das garrafas PET. No enunciado, o professor é instruído a dividir a sala em dois grupos, um a favor e o outro contra a utilização das referidas garrafas, trabalhando a posição dos locutores. A divisão não será feita com base no posicionamento pessoal dos alunos, mas sim de acordo com as necessidades da atividade. Esse exercício irá ajudá-los a desenvolver argumentos, inclusive, contrários à própria opinião.

Algumas novidades são trazidas nesse debate. A primeira se relaciona ao tema e a segunda, à forma de organização da atividade. Os alunos são convidados a pesquisarem sobre o assunto a ser debatido para que consigam se aprofundar sobre o tema. Além disso, é estabelecido que o organizador do debate será o professor.

O quadro “Atenção!” orienta os alunos a ouvir o grupo oposto e a buscar argumentos favoráveis ao seu grupo. Para esquematizar os argumentos que serão utilizados pelo grupo, é solicitado aos estudantes que registrem uma lista de argumentos por escrito.

Os alunos novamente são colocados diante de uma determinada situação de comunicação oral, que trabalha as características próprias do gênero debate. No entanto, essa situação de comunicação se aproxima mais do uso formal e real da língua, conforme recomendam os PCN. Diferentemente do debate sugerido na unidade 2, os alunos não terão controle sobre o ponto de vista que defenderão, eles não poderão escolher a qual grupo pertencerá (favorável ou contra o uso de garrafas PET) – quem controlará essa situação será o professor, que atuará como mediador.

Unidade 4

A última Unidade do livro aborda novamente o gênero reconto. Antes de apresentar a proposta, são trabalhados dois contos de mistério. O primeiro, “Dançando com o morto”, de Angela-Lago (Anexo J), trata da história de uma viúva que estava contando o dinheiro que encontrara debaixo do colchão de seu falecido marido, quando este ressuscita em forma de caveira e manifesta sua vontade de dançar. De tanto dançar, o morto vai se desmantelando até que a viúva pede ao filho que guarde os pedaços do falecido e tudo o que lhe pertencia em um baú e o feche com pregos. No final do conto, a mulher termina sem o dinheiro, pois junto com os pedaços do marido foi também guardado o dinheiro.

O segundo conto, “As lágrimas do Sombreiro”, de Luís Alfredo Arango (Anexo K), traz a história de uma menina, chamada Celina, que era muito feliz até ouvir o “Sombreiro”, pequeno homem fantasma que usava um chapéu de abas largas (sombreiro) e cantava belas músicas. Desde então, a menina fica com medo e entristece, já que ela era a única a ouvir suas canções. Tentando afastá-la do fantasma, sua mãe a deixa morando em uma igreja. No final da história, de tanta tristeza por não ouvir mais as canções de Sombreiro, a garota falece e o fantasma aparece cantando para todos os moradores da cidade.

Depois de apresentar os contos de mistério, é explicitada a proposta de reconto de lendas ou causos:

Atividade permanente → linguagem oral

As histórias desta unidade são mesmo de arrepiar. Certamente, na sua família também são contados causos de medo ou lendas urbanas, que são pequenas histórias transmitidas oralmente envolvendo episódios em que há uma manifestação sobrenatural.

Uma história muito conhecida é a da “Loira do banheiro”. A personagem é uma garota de pele muito clara e cabelos loiros que costuma ser vista em banheiros.

Peça aos adultos de sua casa que lhe contem causos de medo ou lendas urbanas que conheçam. Sua tarefa será recontá-las para seus colegas de classe.

Dica!

Para contar bem uma história, é preciso se preparar. Depois de ouvir um caso ou uma lenda, recontе-os a alguém para se certificar de que não se esqueceu de nenhum detalhe. Você pode usar recursos expressivos para deixar o ouvinte com uma pontinha de medo, como mudar o tom de voz, variar o ritmo etc.

- Escreva na linha abaixo o título do caso ou da lenda que você vai recontar.

Resposta pessoal.

Na proposta é definido o que são causos de medo ou lendas urbanas. Além disso, os alunos são convidados a lembrar os contos e as lendas contados pela sua família e também a famosa história da “Loira do Banheiro”. Depois disso, é solicitado aos estudantes que peçam aos seus familiares que contem causos de medo ou lendas urbanas para que eles recontem aos colegas de classe. Sendo assim, pela primeira vez nesse volume, os alunos devem partir de um texto oral, causos e lendas contados oralmente por seus familiares, para realizarem o trabalho com o reconto.

No quadro “Dica!” são apresentadas algumas instruções importantes para a realização do reconto. Os alunos são orientados a recontarem a lenda ou o caso para alguém para se certificarem de que nenhuma parte da história foi esquecida. Assim como no reconto da unidade 1, é reiterada a importância da unidade da narrativa e do trabalho com a memorização. Além disso, ao contar a história para alguém, é trabalhada a questão da posição dos locutores, nesse momento, o aluno se coloca na posição de locutor e o outro de seu interlocutor.

Diferentemente do trabalho realizado com os gêneros orais nas unidades anteriores, os alunos são orientados, de forma explícita, a usar os recursos paralinguísticos, como tom de voz, ritmo, entre outros. Sendo assim, é evidenciado o trabalho com os meios linguísticos próprios da comunicação oral.

Assim como no trabalho com os outros gêneros explorados no livro, novamente os estudantes são inseridos em uma situação comunicativa específica

oral, que é a do reconto. No entanto, nesse último trabalho é percebida uma maior preocupação com os elementos da comunicação oral. Sem deixar de lado a importância da narrativa para o reconto, característica própria da modalidade escrita, são trabalhados os meios linguísticos próprios da comunicação oral e é usado como base para a realização do exercício um texto oral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise dos gêneros orais e da atividade oral desenvolvidas no livro “Presente Língua Portuguesa 5”, percebe-se que todos os gêneros trabalhados, com exceção da atividade oral, inserem os alunos em uma situação de comunicação. Essas situações possibilitam o uso da linguagem oral, a expressão de opinião, a defesa de pontos de vista, o respeito ao ponto de vista do outro, etc.

Em todos os casos também, com exceção da atividade oral declamação de poema, observou-se a relação entre as modalidades escrita e oral. Nos gêneros orais trabalhados foram notadas características tanto da língua escrita (tipos textuais narrativo e argumentativo) como da língua oral (meios linguísticos próprios da comunicação oral), em maior ou menor escala. Isso confirma o pensamento de Marcuschi (2001) de que a fala e a escrita não são estanques e dicotômicas.

No entanto, no que concerne ao uso da língua oral, o livro não explora todos os seus recursos. Ao se analisar os gêneros trabalhados, tendo em vista o quadro 2, proposto por Schneuwly; Dolz et al (2004), percebe-se que não são desenvolvidos alguns recursos próprios da comunicação oral, tais como, os meios cinésicos, o aspecto exterior e a disposição dos lugares. Na atividade oral declamação de poemas, por exemplo, seria essencial o trabalho com os meios cinésicos. Além disso, grande parte das atividades realizadas com os gêneros orais tem como base textos escritos, já que o único gênero que se baseia em um texto oral é o do reconto de um caso ou de uma lenda urbana.

De modo geral, a falta de exemplos de textos orais reais faz com que aspectos relevantes da comunicação oral não sejam trabalhados no livro. Sendo assim, percebe-se que, embora tenha havido um avanço no ensino da oralidade, com a implementação dos PCN e a concepção de letramento, os livros didáticos ainda têm muito o que desenvolver e aplicar a respeito da oralidade. Não se pode pensar no ensino da oralidade apenas com base em textos escritos, é necessário trazer exemplos vivos de situações de comunicação oral, como vídeos ou gravações de áudio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Zilda Gaspar. O gênero debate no discurso jornalístico. In: *Congresso Internacional da ABRALIN / Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN*. Brasília: [s.n.], 2005. Disponível em:

<<http://abralin.org/site/data/uploads/anais/brasil-2005/abralin2005.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2015.

BAHKTIN, Mikhail (2003). *Estética da Criação Verbal*. Tradução: Paulo Bezerra. SP: Martins Fontes.

BAIRRO, Catiane (2009). Colação de. Livro didático: um olhar nas entrelinhas da sua História. *VIII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas: "História, Sociedade e Educação no Brasil"*. Campinas: HISTEDBR. Disponível em: <www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/_files/Cj5GgE6L.doc>. Acesso em: 16 set. 2015.

BRASIL (1997). Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental.

BRASIL (1998). Ministério da Educação e do Desporto. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. V. 3. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental.

FREITAS, Neli Klix & **RODRIGUES**, Melissa Haag (2008). *O livro didático ao longo do tempo: a forma do conteúdo*. Florianópolis: Revista DAPesquisa.

MARCUSCHI, Luiz Antonio (2001). *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2. ed. São Paulo: Cortez.

PEREIRA, Joelma Cristina (2013). *Reconto: A tradição que se renova*. Três Lagoas: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/reconto>>. Acesso em: 15 out. 2015.

SCHNEUWLY, Bernard; **DOLZ**, Joaquim et al (2004). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras.

SITE:

<www.museudavida.fiocruz.br/brasiliانا/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=32&sid=5>. Acesso em: 16 set. 2015.

SITE:

<http://www2.uol.com.br/historiaviva/artigos/gutenberg_ nao_inventou_a_imprensa.html>. Acesso em: 16 set. 2015.

SOARES, Magda (2004). Letramento e alfabetização: as muitas facetas. In: *Revista Brasileira de Educação*. Jan./fev./mar./abr., n. 25. p.14. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782004000100002>. Acesso em: 30 jul. 2015.

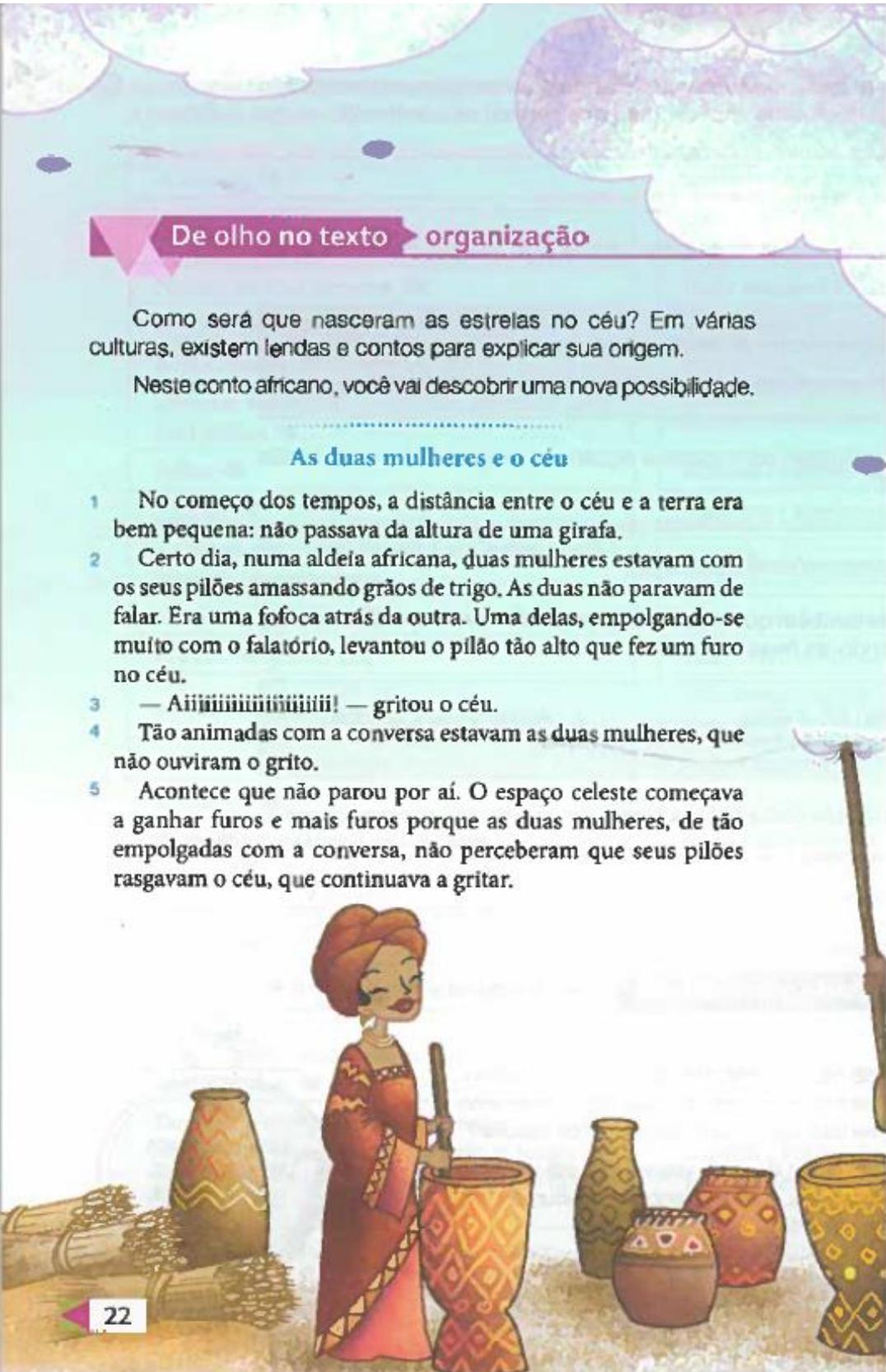
SOUSA, Elisabeth de (2011). *Do preconceito à leitura e recitação de poesia*. Alta Floresta: Instituto de Educação do Vale do Juruena. Disponível em: <http://www.biblioteca.ajes.edu.br/arquivos/monografia_20140225173546.pdf>. Acesso em: 10 out. 2015.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos et alii (2013). Gêneros orais – Conceituação e caracterização. In: *Anais do SILEL*, v. 3, n. 1. XIV Simpósio Nacional de Letras e Linguística e IV Simpósio Internacional de Letras e Linguística. Uberlândia: EDUFU. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/travaglia/artigos/artigo_generos_orais_conceituracao_caracterizacao.pdf>. Acesso em: 5 out. 2015.

VAZ, Débora; **MORAES**, Elody Nunes; **VELIAGO**, Rosângela (2012). *Presente Língua Portuguesa* 5. 3. ed. São Paulo: Moderna.

ANEXOS

ANEXO A – Conto “As duas mulheres e o céu”, de Ilan Brenman



De olho no texto organização

Como será que nasceram as estrelas no céu? Em várias culturas, existem lendas e contos para explicar sua origem.

Neste conto africano, você vai descobrir uma nova possibilidade.

As duas mulheres e o céu

- 1 No começo dos tempos, a distância entre o céu e a terra era bem pequena: não passava da altura de uma girafa.
- 2 Certo dia, numa aldeia africana, duas mulheres estavam com os seus pilões amassando grãos de trigo. As duas não paravam de falar. Era uma fofoca atrás da outra. Uma delas, empolgando-se muito com o falatório, levantou o pilão tão alto que fez um furo no céu.
- 3 — Aiiiiiiiiiiiiiiiiiiii! — gritou o céu.
- 4 Tão animadas com a conversa estavam as duas mulheres, que não ouviram o grito.
- 5 Acontece que não parou por aí. O espaço celeste começava a ganhar furos e mais furos porque as duas mulheres, de tão empolgadas com a conversa, não perceberam que seus pilões rasgavam o céu, que continuava a gritar.

22

- 6 Lá em cima, o tapete azulado chorou, berrou e nada adiantou. Finalmente, tomou uma decisão:
- 7 — Assim não dá mais, vou me afastar da terra o máximo que puder.
- 8 Subiu, subiu o mais alto que pôde. Quando chegou lá no topo do mundo, sossegou:
- 9 — Aqui está bom. Ninguém mais vai conseguir me furar.
- 10 Todos os furos que as duas mulheres fizeram nunca mais foram fechados. Os africanos dizem que esses furos podem ser vistos diariamente durante a noite: são as estrelas do céu.

Ilan Brenman. *As narrativas preferidas de um contador de histórias*. São Paulo: DCL – Difusão Cultural do Livro, 2005.

Você deve ter reparado que os parágrafos estão numerados.

Responda quais parágrafos correspondem a cada uma das partes do conto.

- 1 Qual parágrafo indica a situação inicial dessa narrativa?
O parágrafo 1.
- 2 Quais parágrafos descrevem um problema?
Os parágrafos 2 a 6.
- 3 A partir de qual parágrafo a situação começa a se normalizar?
A partir do parágrafo 7.
- 4 Pelo desfecho descobrimos que esse conto é etiológico. Por quê?
Porque explica o surgimento das estrelas.

O conto *As duas mulheres e o céu* é breve, mas tem uma estrutura muito parecida com a de outros contos que você conhece. Há uma **introdução**, em que se apresenta uma situação inicial, depois aparece um **conflito** ou um problema e, por fim, um **desfecho**, em que se resolve o conflito ou se cria uma nova possibilidade.

ANEXO B – soneto de Luís de Camões

De olho no texto organização

O amor sempre inspirou grandes poetas.

Luís de Camões, conhecido como o maior poeta da língua portuguesa, escreveu este poema sobre o amor há mais de 400 anos. Ele já foi até cantado por roqueiros. Agora é sua vez de conhecê-lo.

Amor é um fogo que arde sem se ver;
 É ferida que dói e não se sente;
 É um contentamento descontente;
 É dor que desatina sem doer;
 É um não querer mais que bem querer;
 É um andar solitário por entre a gente;
 É nunca contentar-se de contente;
 É um cuidar que ganha em se perder;
 É querer estar preso por vontade;
 É servir a quem vence, o vencedor;
 É ter com quem nos mata lealdade.
 Mas como causar pode seu favor
 Nos corações humanos amizade,
 Se tão contrário a si é o mesmo Amor?



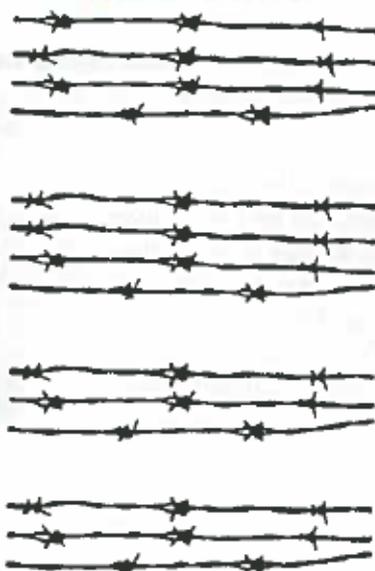
João Alves das Neves e Douglas Tufano (orgs.).
Luís de Camões: lírica, épica, teatro, cartas.
 São Paulo: Moderna, 1980.

Soneto é uma pequena composição poética. Seus versos são distribuídos em duas estrofes de quatro versos, chamadas quartetos, seguidas de duas estrofes de três versos, chamadas tercetos.

ANEXO C – poema “Apartheid”, de Avelino de Araújo

Vejam como o poeta Avelino de Araújo representou a separação entre brancos e negros.

Apartheid soneto



Avelino de Araújo.

O poema de Camões e o de Avelino de Araújo parecem completamente diferentes, não é? Um “fala” de amor; o outro, de desamor e ódio. Mas eles têm algo em comum. O que será?

A seguir vão algumas pistas.

3 Quantas estrofes cada poema tem?

Quatro estrofes.

4 Há quantos versos em cada estrofe?

As duas primeiras estrofes têm quatro versos e as outras duas têm três versos.

5 O poema de Camões é um soneto. E o de Avelino de Araújo, também é? Por quê?

Também é um soneto. Sabe-se que é um soneto pela sua estrutura: dois quartetos e dois tercetos. Além disso, a palavra soneto está presente no título do poema.

ANEXO D – poema “Velhas árvores”, de Olavo Bilac

De olho no texto **estilo**

Ah, se as árvores pudessem falar! Quantas histórias, quantos acontecimentos...

O poema a seguir foi escrito por Olavo Bilac no século XIX, por volta de 1888. Mesmo sendo de uma época em que nenhum de nós sequer pensava em nascer, ele é bem atual. Vamos ver por quê?

Velhas árvores

Olha estas velhas árvores, mais belas,
Do que as árvores novas, mais amigas:
Tanto mais belas quanto mais antigas,
Vencedoras da idade e das procelas...

O homem, a fera, e o inseto, à sombra delas
Vivem, livres de fomes e fadigas;
E em seus galhos abrigam-se as cantigas
E os amores das aves tagarelas.

Não choremos, amigo, a mocidade!
Envelheçamos rindo! envelheçamos
Como as árvores fortes envelhecem:

Na glória da alegria e da bondade,
Agasalhando os pássaros nos ramos,
Dando sombra e consolo aos que padecem!

*Olavo Bilac, Olavo Bilac: obra reunida,
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.*



ANEXO E – poema “Rio: o ir”, de Arnaldo Antunes

- a) Se a palavra **envelheçamos** não fosse repetida por Olavo Bilac, o sentido do texto mudaria?

Não.

- b) Por que o poeta preferiu repetir a palavra?

Provavelmente para enfatizar o envelhecimento das pessoas e das árvores.

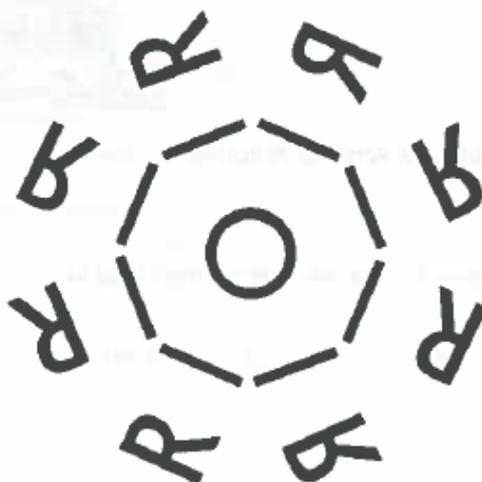
- 5 Olavo Bilac explica por que acha que as árvores velhas são mais belas e amigas que as árvores novas?

Sim, pois diz que as pessoas e os animais podem aproveitar sua sombra e seus frutos para saciar a fome e o cansaço, e os pássaros podem abrigar-se nelas.

- 6 Observe a seguir um poema de Arnaldo Antunes. Ele se chama *Rio: o ir* e foi produzido em 1997.

- Por que você acha que o poema tem esse nome?

Porque essas são as palavras encontradas no poema: se for lido do centro para fora, obtém-se “o ir”; se for lido de fora para o centro, obtém-se “rio”.



Arnaldo Antunes, *2 ou + corpos no mesmo espaço*.
São Paulo: Perspectiva, 1997.



ANEXO F – mito “Prometeu e os primeiros homens”, de Claude Pouzadoux

De olho no texto → organização

Conheça mais este mito grego, que conta como foi o surgimento dos homens.

Prometeu e os primeiros homens

Crono não era apenas um deus violento e ávido de poder. Ele presidia uma raça de homens a que os deuses tinham dado uma existência amena e pacífica, semelhante à deles. Como os deuses, os homens não envelheciam e não sabiam o que era cansaço nem dor. Para se alimentar, não precisavam trabalhar, porque a terra, sem ser cultivada, produzia o ano inteiro frutos em abundância. Sem esforço, portanto, os homens colhiam frutas deliciosas nos arbustos, abaixando-se somente para catar os morangos saborosíssimos que a natureza lhes oferecia. Não necessitavam usar roupa, porque só havia uma estação, a primavera.

Sua vida tranquila era marcada por festas em que as relações de amizade e mútuo benquerer se expandiam. Esses tempos eram chamados de idade de ouro porque tinham a pureza, a riqueza e a eternidade do ouro. Mas essa raça de homens acabou se extinguindo, e outra a sucedeu.

Em seguida, os deuses criaram do barro os seres vivos. Sem perceber, privilegiaram os animais, em detrimento dos homens.

De fato, os primeiros receberam as qualidades físicas que lhes permitiam se adaptar perfeitamente ao meio natural. Alguns, como o urso, foram dotados de grande força; outros, menores, como os passarinhos, ganharam asas para fugir.

A divisão parecia equitativa, e as qualidades distribuídas entre as diversas espécies se equilibravam. Mas uma das espécies foi esquecida: a humana. Com sua pele apenas, os homens não podiam suportar o frio, e seus braços nus não eram suficientemente robustos para combater os animais selvagens. A raça humana estava ameaçada de extinção...

Prometeu, filho do titã Jápeto, sentiu pena dos fracos mortais. Ele sabia que a inteligência deles possibilitaria que fabricassem armas e construíssem abrigos se eles tivessem meios para isso, mas lhes faltava um elemento essencial: o fogo. Com o fogo, poderiam endurecer a ponta de suas lanças, a fim de torná-las mais resistentes, e se aquecer em seu lar.

Ora, os deuses conservavam com o maior cuidado a preciosa chama só para si. Prometeu teve que penetrar discretamente na forja de Hefesto, o deus do fogo, para roubar a chama, que levou para os homens oculta no oco de uma raiz.

Zeus não ignorou por muito tempo esse furto. Assim que notou o brilho de uma chama entre os mortais, o poderoso soberano deu vazão à sua cólera. No mesmo instante jurou se vingar dos homens e do benfeitor deles, Prometeu.

Combatendo uma esperteza com outra, teve a ideia de produzir uma criatura irresistivelmente encantadora que causaria a desgraça dos homens. Assim, usando barro, criou a primeira mulher, que chamou de Pandora. Contou com a ajuda de Hefesto, que a enfeitou com as joias mais delicadas, e de Atena, que a vestiu com um tecido vaporoso, preso na cintura por um cinto trabalhado artisticamente.

Quando ela ficou pronta, Zeus a mandou à casa de Epimeteu, irmão de Prometeu. Conhecia a ingenuidade e a imprudência desse deus. Não podendo resistir aos atrativos de tão bela pessoa, Epimeteu esqueceu que o irmão o prevenira contra os presentes de Zeus. Recebeu Pandora e a instalou em sua casa.

Pandora havia trazido consigo uma caixa que não deveria abrir em hipótese nenhuma. Isso lhe fora expressamente recomendado por Zeus ao lhe dar a caixa. Era mais uma esperteza, porque ele sabia muito bem que um dia a jovem iria querer descobrir o conteúdo dela.

Movida pela curiosidade, Pandora acabou abrindo a caixa... de onde saiu precipitadamente um vento de desgraças. Apavorada, ela viu passar a fisionomia ameaçadora da crueldade e o sorriso malicioso do engano. Ouviu os gritos queixosos dos miseráveis e dos sofredores. Outras desgraças começavam a se propagar assim no vasto mundo. Quando Pandora descobriu seu trágico erro, tampouco rapidamente a caixa. E então a Esperança e todas as promessas de felicidade para os homens ficaram para sempre trancadas ali.

Nada disso se devia ao acaso: a primeira etapa da temível vingança de Zeus se consumara.

O segundo castigo, mais cruel, iria atingir Prometeu. Zeus o acorrentou a um rochedo com cadeias que o prendiam dolorosamente pelos braços e pernas. Assim exposto, sem poder se defender, Prometeu sofria todos os dias o ataque de uma águia que vinha lhe devorar o fígado. E todos os dias, para seu suplício, seu fígado se recompunha. Em troca de um favor, Prometeu recebeu uma terrível punição.

Quanto aos homens, eles aprenderam com isso que um bem podia vir acompanhado de uma desgraça.

Claude Pouzadoux. *Contos e lendas da mitologia grega*.
Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ANEXO G – reportagem “As sacolas de plástico devem ser substituídas”, de *Revista da Semana*

De olho no texto → compreensão

Vamos ler uma reportagem que apresenta os argumentos e as justificativas de quem é a favor e de quem é contra a proibição da circulação de sacolinhas plásticas nos supermercados do estado de São Paulo.

Na sua cidade, essa lei também vigora?

O que você pensa sobre essa proibição? Você a defenderia ou não? Que argumentos usaria para sustentar seu ponto de vista?

O texto que você lerá foi publicado numa revista chamada *Planeta sustentável*. O título assume a forma de uma pergunta: as sacolas de plástico devem ser substituídas?

- 1 Você imagina que a reportagem defenderá ou não a proibição da circulação de sacolinhas plásticas? Por quê?

http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/atitude/conteudo

As sacolas de plástico devem ser substituídas?

Elas levam 300 anos para se decompor, mas há divergências sobre como lidar com isso

Da redação
Revista da Semana – 15/10/2007

Quando surgiram, no fim da década de 1950, as sacolas de plástico eram motivo de orgulho das redes de supermercados e símbolo de *status* entre as donas de casa.

Em meio século, passaram de símbolo da modernidade a vilãs do meio ambiente. Celebridades como a atriz Keira Knightley e Ivanka Trump desfilam hoje com sacolas de pano que trazem a inscrição “*I’m not a plastic bag*” (Eu não sou uma sacola de plástico), como a da foto ao lado.

“Eu não sou uma sacola de plástico”, diz a sacola de pano que é moda em Nova York.



O motivo: o plástico polui — e muito. As sacolas são incapazes de se decompor em curto prazo. Trata-se, portanto, de uma decisão lógica: aboli-las dos supermercados. Parece evidente, mas não é tão simples. Existem divergências ambientais, culturais e políticas sobre como eliminar esse problema. Conheça os argumentos de cada lado.

Acham que sim

As sacolas de plástico demoram pelo menos 300 anos para sumir no meio ambiente. Em todo o mundo são produzidos 500 bilhões de unidades a cada ano, o equivalente a 1,4 bilhão por dia ou a 1 milhão por minuto. No Brasil, 1 bilhão de sacolas são distribuídas nos supermercados mensalmente — o que dá 66 sacolas por brasileiro ao mês.



Sacola plástica polui recife de corais.

No total, são 210 mil toneladas de plástico filme, a matéria-prima das sacolas, ou 10% de todo o detrito do país. Não há dúvida: é muito lixo. Algumas alternativas estão sendo adotadas. Uma delas, muito popular na Europa e nos Estados Unidos, é o uso de sacolas de pano ou sacos e caixas de papel. Em Nova York, as que levam a inscrição "Eu não sou uma sacola de plástico" viraram febre.

Em São Francisco, as sacolas de plástico foram banidas. Somente as feitas de produtos derivados do milho ou de papel reciclado podem ser usadas. Outra solução é a cobrança de uma taxa por sacola, como acontece na Irlanda desde 2002. O dinheiro é revertido em projetos ambientais.

ANEXO H – artigo de opinião “De sacolinhas”, de *Folha de S.Paulo*

De olho no texto → organização

Você vai ler um artigo de opinião de uma colunista que não está convencida de que a abolição das sacolinhas plásticas esteja de fato relacionada ao desejo de diminuição de embalagens e da produção de lixo. Vamos lá, essa questão de fato é muito polêmica!

De sacolinhas

DANUZA LEÃO

- 1 Há uma eternidade venho lendo nos jornais a polêmica sobre as sacolinhas de plástico dos supermercados e confesso que nunca me interessei muito pelo assunto.
- 2 Houve uma trégua, agora falam de novo, e continuo sem refletir, quando vou ao supermercado, se devo levar sacola ecológica ou não.
- 3 É claro que todos queremos um mundo menos poluído, que um saquinho de plástico leva 400 anos para desaparecer etc. etc., mas não posso deixar de pensar.
- 4 Praticamente todos os produtos que se compram em qualquer supermercado já vêm embalados, da fábrica, em plástico; se eu comprar duas mangas e uma bandejinha de frango, as mangas serão colocadas dentro de um saquinho de plástico e o frango já estará embrulhado em plástico, numa bandejinha de isopor. Mas para levar as mangas e o frango para casa, devo ter uma sacolinha de palha, é isso?
- 5 Se a compra é grande, e eu peço para levarem em casa, tudo o que eu tiver comprado — absolutamente tudo — chegará, separadamente, em sacolas plásticas, as mesmas que não se deve usar quando se leva o produto. Então, que história é essa de sacolinhas biodegradáveis?
- 6 Algum plástico deixará de ser usado nas feiras, nos hortifrúteis, nas papelarias, nas embalagens de louça, de quadros, onde o plástico bolha é fundamental?
- 7 Os plásticos continuarão cobrindo os alimentos na geladeira, os sacos de lixo continuarão sendo de plástico, e mais 1 milhão de coisas de que não me lembro vão continuar exatamente como são, mas há quem ache que as sacolinhas dos supermercados, se eliminadas, vão salvar a vida do planeta.
- 8 Se as sacolinhas forem proibidas, você pode comprar uma, no próprio supermercado, mas vai pagar por ela R\$ 0,17, e aí tudo bem. Mais um produto a ser vendido, que bom para os donos.
- 9 Está aí uma discussão que me escapa, que não consigo compreender, por favor, que alguém explique.

Folha de S.Paulo, 20 maio de 2012. Córdiano.

ANEXO I – artigo de opinião “O caso das sacolas”, de Hélio Shwartsman

De olho no texto **estilo**

Continuamos com a polêmica sobre o uso das sacolinhas plásticas. O autor do próximo texto de opinião lança muitas dúvidas sobre a decisão de abdi-las dos supermercados. Leia atentamente esse artigo e quem sabe você poderá decidir sobre a melhor escolha.

O ocaso das sacolas

HÉLIO SCHWARTSMAN

SÃO PAULO - O fim de sacolas plásticas em supermercados paulistas é um ótimo negócio para redes varejistas, uma conveniente cortina de fumaça para o poder público, um leve golpe contra o bolso do consumidor e uma medida de impacto provavelmente baixo para o planeta.

Ao contrário do que se diz, as tais sacolinhas plásticas nunca foram gratuitas. Seu custo estava embutido no das compras que fazíamos. Explicitá-lo por meio de um preço é, em princípio, algo positivo, pois isso torna mais transparentes as relações de consumo e ajuda a promover hábitos menos extravagantes.

Mas, como é altamente improvável que a mudança resulte na correspondente redução dos preços nas gôndolas, os supermercados acabam se dando bem, porque, numa canetada, eliminam um custo e ganham uma nova fonte de receita, posando ainda de campeões da ecologia.

Algo parecido vale para o poder público. Ele aparece na foto como defensor do ambiente por ter pro-

movido o acordo e pouca gente lembra que sua lista de omissões nessa área é grande. O volume de lixo reciclado ainda é risível e há pouquíssimas usinas de compostagem, para citar apenas dois pecadilhos diretamente relacionados a resíduos sólidos.

O consumidor leva prejuízo porque as sacolas escolhidas para substituir o plástico são as de milho. Relativamente caras, custarão R\$ 0,19 cada uma. É questionável ainda a ideia de embalar comida com comida. Tirar milho de galinhas e pipoqueiros para produzir invólucros tende a inflacionar o setor de alimentos.

Em termos ambientais, as sacolas são um estorvo, mas nem de longe o maior problema. Reduzir seu uso sem criar dificuldades maiores é uma meta louvável. Cumpri-la implicará custos, que terão de ser pagos pelos consumidores. O que irrita, no Brasil, é que governantes e lobbies são rápidos para estender a conta ao cidadão, mas muito lentos para não dizer abúlicos, em fazer a sua parte.

Folha de S.Paulo, 24 jan. 2012. Opinião.

ANEXO J – conto de mistério “Dançando com o morto”, de Angela Lago

De olho no texto compreensão

Prepare-se! Lá vêm duas histórias de arrepiar, daquelas que dão um friozinho na espinha...

Dançando com o morto

A viúva estava na cozinha com o filho, contando feliz o dinheiro que tinha encontrado debaixo do colchão, quando o marido, falecido fazia meses, apareceu e veio sentar-se à mesa com eles.

A mulher não se intimidou:

— O que é que você está fazendo aqui, seu miserável?! Me dá paz! Você está morto! Trate de voltar para debaixo da terra.

— Nem pensar — disse o morto. — Estou me sentindo vivinho.

A mulher mandou o filho buscar um espelho. Entregou ao morto para que ele visse a sua cara de cadáver.

— É... Estou abatido. Deve ser falta de exercício — disse o falecido.

E mandou o filho buscar a sanfona, e convidou a mulher para dançar. Ela, é claro, não quis saber de dançar com o defunto, que cheirava pior que gambá.

O morto nem ligou. Começou a dançar sozinho. De repente a mulher viu que um dedo dele estava caindo, e ordenou:



— Toca mais rápido, menino!

Assim que o ritmo se acelerou, caiu outro pedaço.

— Mais depressa, que eu também vou dançar — ela resolveu.

E começou a requebrar e saltar e jogar a perna para o alto e balançar a saia.

O marido, animado, tratava de acompanhar as piruetas da mulher, e enquanto isso o corpo dele desmoronava. Até que só ficou a caveira pulando no chão, batendo o queixo.

A mulher caprichou uma pirueta, a caveira imitou e o queixo desmontou. Pronto.

Mais que depressa, a mulher mandou o filho buscar um baú para guardar os pedaços do marido:

— Põe tudo que é dele, filho. Tudo. Que eu vou procurar uns pregos e um martelo.

Dali a pouco ela voltou e caprichou nas marteladas, para que o morto nunca mais escapulisse.

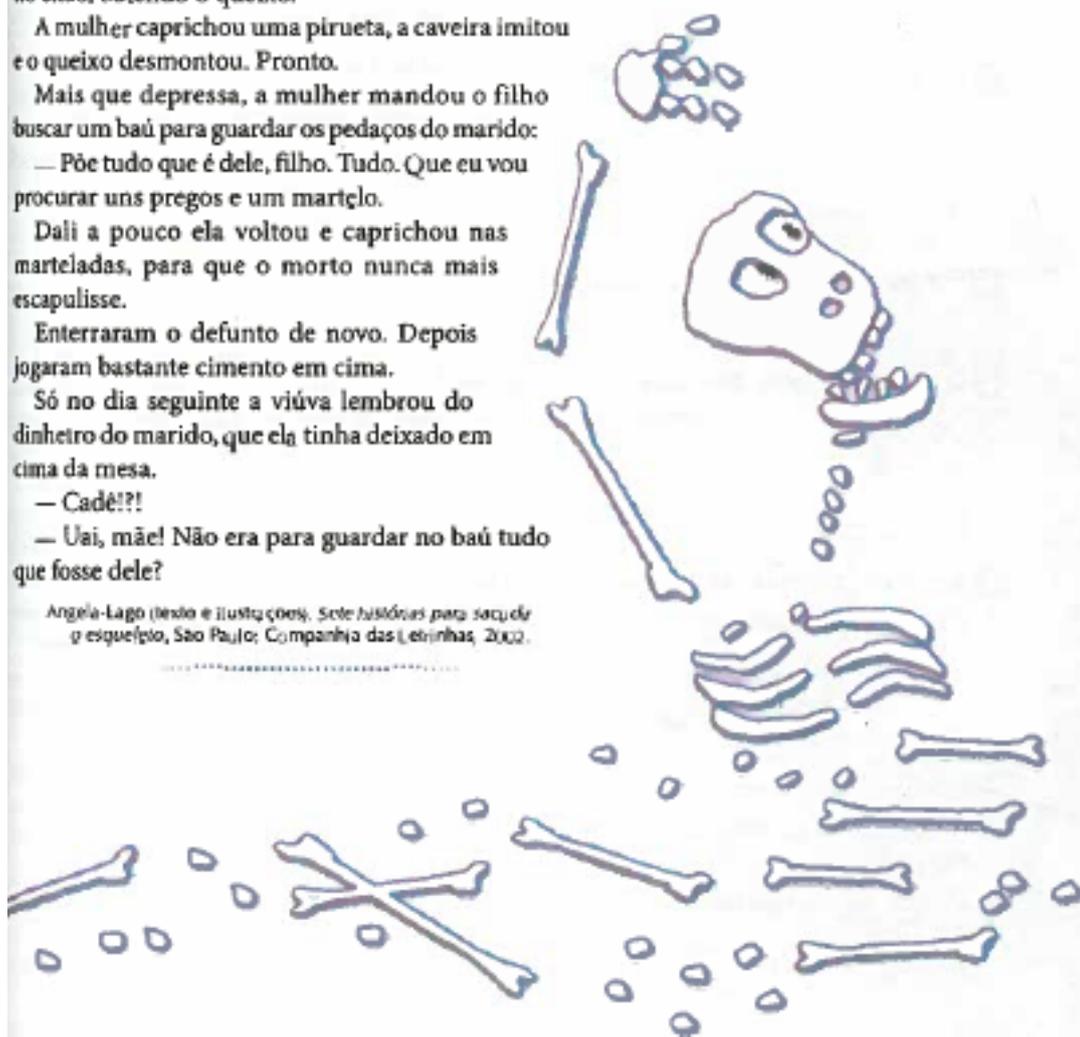
Enterraram o defunto de novo. Depois jogaram bastante cimento em cima.

Só no dia seguinte a viúva lembrou do dinheiro do marido, que ela tinha deixado em cima da mesa.

— Cadê??!

— Uai, mãe! Não era para guardar no baú tudo que fosse dele?

Angela Lago (texto e ilustrações). *Sete histórias para sacudir o esqueleto*, São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.



ANEXO K – conto de mistério “As lágrimas do Sombreiraço”, de Luis Alfredo Arango

Algumas assombrações dançam, outras preferem fazer outras coisas.
 Leia mais este conto e descubra o quê.

As lágrimas do Sombreiraço

Versão de Luis Alfredo Arango

Um relato da tradição oral da Guatemala

Celina era uma menina muito bonita. Os moradores do beco do Carroceiro, no bairro do Belém, viam-na todos os dias, mas nunca se cansavam de admirá-la. É que quanto mais Celina crescia, mais bonita ficava.

- Que olhos tão lindos!
- É mesmo, são tão grandes!
- E que cabelos ela tem!
- Tão longos e ondulados!
- Ela é idêntica à Virgem do Socorro da Catedral!

Era verdade. Celina parecia-se muito com a pequena estátua da Virgem do Socorro, morena e cheia de graça. Até o seu nome era especial, como vindo do céu ou então tirado de algum livro de histórias.

A fama de sua beleza começou a se espalhar por toda a cidade. Além de ser bonita, mas muito bonita mesmo, Celina era muito trabalhadeira: ajudava a mãe a fazer tortilhas de milho para vender nas mansões dos ricos.

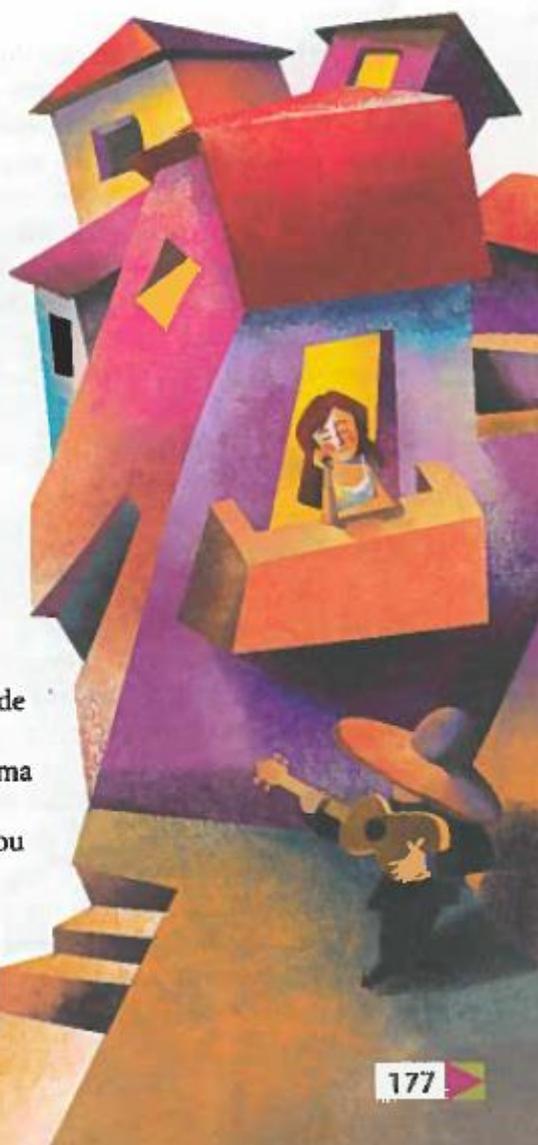
Vê-la correr pelas ruas, vendendo as tortilhas que a mãe fazia, era o deleite de jovens e velhos. Todos ficavam impressionados com a sua beleza.

Uma tarde, por volta das seis horas, na esquina da rua Belém com o beco do Carroceiro, sem mais nem menos apareceram quatro mulas amarradas ao poste de luz. Elas traziam no lombo cargas de carvão.

— Não serão as mulas do Sombreiraço? — sugeriu uma mulher.

— Cruz-credo, moça, vire essa boca pra lá! — retrucou outra ao passar.

Essa noite Celina se sentia muito cansada de tanto trabalhar o dia inteiro, e já estava quase pegando no sono quando ouviu uma canção muito linda: era a voz de alguém que cantava acompanhado por um violão.



- Mãe, ouça essa música!
 — Que música? Você está sonhando, menina.
 — Não, mãe, ouça que beleza!
 Mas a mulher não ouvia música nenhuma.
 — É melhor você dormir, minha filha.

Celina, no entanto, não conseguia adormecer, ouvindo aquela canção tão encantadora. A voz do cantor chegava claramente aos seus ouvidos:

*Ês uma pombinha branca
 tal como a flor do limão.
 Ou tu me dás tua palavra,
 Ou morrerei de paixão.*

Às onze horas da noite, o beco do Carroceiro mergulhou num completo silêncio, e as mulas carvoeiras sumiram na escuridão.

Noite após noite, aquilo se repetia. A única coisa que as demais pessoas notavam eram as mulas, com a sua carga de carvão, amarradas ao poste. Celina, no entanto, deleitava-se com as canções que escutava.

Certa noite, às escondidas da mãe, a menina saiu para espiar na escuridão, pois desejava muito conhecer o dono daquela voz maravilhosa. Por pouco não morreu de susto. Era o Sombreira! Um homenzinho minúsculo com um chapéu enorme, sapatinhos de verniz e esporas de prata. Enquanto dançava e cantava tocando o seu violãozinho de madrepérola, ia cativando a garota:

*As estrelas lá no céu
 caminham a par e par.
 Assim caminham meus olhos
 quando te vejo passar.*

Nessa noite Celina mal conseguiu dormir. Não podia parar de pensar no Sombreira. E passou o dia inteirinho lembrando-se dos versos que ouvira. Queria e ao mesmo tempo não queria que chegasse a noite. Queria e ao mesmo tempo não queria rever o Sombreira. Desde então, Celina parou de comer e parou de sorrir.

— O que é que você tem, minha filha? — perguntava-lhe a mãe. — Está sentindo alguma dor? Você está doente?

Mas Celina não respondia.

— Isso é coisa do Sombreira, que deve ter enfeitado a menina — disse alguém à mãe de Celina, que, desesperada, seguindo os conselhos dos vizinhos, levou-a para bem longe de casa e trancou-a numa igreja. O povo acredita que os fantasmas não podem entrar nas igrejas.



Na noite seguinte, chegando ao beco do Carroceiro, o Sombreira não encontrou mais a jovem. Ficou louco procurando Celina por toda a cidade, sem encontrá-la. Ao amanhecer, ele se foi, em silêncio, levando as mulas.

A mãe de Celina e os vizinhos ficaram muito contentes por terem conseguido livrá-la do Sombreira. Celina, porém, encerrada na igreja, adoeceu de tristeza e, certo dia, amanheceu morta.

Estavam todos velando a menina na casa de sua mãe, quando escutaram um pranto de partir o coração, mas que os deixou gelados de susto. Era o Sombreira, que vinha arrastando as suas mulas! Parou junto ao poste da esquina e, chorando, começou a cantar esta canção:

*Oh! coração de pau-santo,
ramo de limão florido!
Por que deixas esquecido
a quem sempre te quis tanto?
Aaaaaai... aaai!
Amanhã, quando te fores,
sairei pelos caminhos
para cobrir o teu lenço
de lágrimas e suspiros...*

Ninguém soube a que horas partiu o Sombreira. Foi se afastando, chorando, chorando, até se fundir com a escuridão da noite. Pela manhã, quando saíam desolados da casa da mãe de Celina, todos ficaram maravilhados: um rastro de lágrimas cristalizadas, como gotas de brilhante, estendia-se ao longo do caminho!

*Os deuses da luz. Coedição Latino-americana
Cerlac. São Paulo: Melhoramentos, 2004.*

